



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17409 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GE Corpo e Educação

Pesquisadoras em queda

Raíssa Campos Cortat - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Gabriela Elmôr Gonçalves - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Irene Milhomens da Mota - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

PESQUISADORAS EM QUEDA

– 1, 2, 3, e! Essa é a imagem fugaz de um salto. É pela qualidade fugaz de sua existência que essa exclamação, que dá origem à coragem de saltar, se faz imagem: o tempo não foi suficiente para transformar em frase completa, pois antes de ser falada era preciso ser acontecimento. Ocorre que chegávamos cada uma de sua própria trilha. Nos encontramos no último pedaço de solo antes do salto. Da ponta do abismo, podíamos coletar tudo que existia entre o céu e o mar. Começamos com uma exclamação, talvez porque “o ponto de exclamação responde pelo primeiro de todos os gestos filosóficos, o de se espantar diante de algo, de alguém, de uma experiência” (Didi-Huberman, 2021, p. 10). Nada mais natural que sentir a exclamação do espanto diante da imensidão profunda ao passo de uma respiração. É o que pretendemos com essa investigação, nos espantar – e construir espantografias (Pucheu, 2021) – perante as ruínas e as possibilidades do tempo de agora.

As metodologias minúsculas, defendidas por xxxxxx e xxxxxx (2019), nos darão pistas de que os saberes surgidos a partir dos corpos não devem ser vistos como um fazer científico inferior ou distante da realidade, mas sim uma provocação "a abandonar a sacralização do conhecimento" (*ibidem*, p. 35), por meio de "uma estética do pensamento baseada na pergunta, na inquietude, no estranhamento" (*ibidem*). Desta forma, propomos uma

pesquisa narrativa, onde a conversa tenha lugar privilegiado enquanto metodologia de pesquisa (Ribeiro; Souza; Sanches, 2023). Como registrado por Sylvia Plath, em 1950, em seu diário, e que reverbera profundamente no desabrochar de nossas pesquisas individuais e no grupo ao qual pertencemos (xxxxxxx/xxxxxx): "Amo as pessoas. (...) Cada história, cada incidente, cada fragmento de conversa é matéria-prima para mim" (2017, p. 21).

Stengers (2023), em seu manifesto por uma desaceleração das ciências, refere-se à “fibra do pesquisador”, falando da imagem do “sonâmbulo” – pessoa sem conexão plena com seu corpo e sem consciência das consequências de suas ações –, que é o pesquisador que não faz perguntas que poderiam confundi-lo, permanecendo indiferente às perguntas que poderiam acordá-lo. Ele não quer – ou não *pode* – parar, tremular ou se deixar afetar pelo perigo e urgência da crise ecológica à qual estamos inseridas(os) – entendida como uma crise ontológica, “epistemológica (epistemicídio), social, cultural, estética, política, ética, psicológica, espiritual e ambiental” (Malomalo, 2019, p. 565). Stengers anuncia que o pesquisador acometido pelo sonambulismo só acordará caso, constantemente, “refaça a pergunta sobre o que se pode ou deve esperar das(os) pesquisadoras(os)” (2023, p. 72). Desta forma, entendemos que nos afirmarmos corpos poéticos em um contexto acadêmico de investidas desencantadas é um modo de resistir e pavimentar nosso espaço a partir do que entendemos por ciência. Diante da impossibilidade de um olhar neutro sobre os temas de pesquisa que permeiam nossas trajetórias, consideramos que as experiências individuais de cada uma impactam nossa observação de fenômenos, nossa visão de mundo e, portanto, nosso fazer científico. Como pontuado por xxxxxx e xxxxxx (2019, p. 34-35), "pensamos o que pensamos porque fazemos parte de uma rede de sujeitos, ideias, conceitos, livros e histórias que nos instigam a pensar, a existir e a habitar o mundo do modo singular como o fazemos, este sim peculiar – nossa assinatura, nosso nome próprio."

Defendemos, assim, uma metodologia de respiração – pesquisa que se faz incorporada(o), com o corpo e pelo corpo –, inspiramos discussões, aliadas a escritos acerca do poético e do corpo e também imagens, espantos e encontros, para expirar, pelos poros de toda a pele, ações, silêncios, perguntas, vazios, gritos, danças e dissertações que nos ajudem a pensar o corpo pesquisador. Que movimentos nos pulsionam “imaginações regenerativas e ligeiramente transgressoras” (Stengers, 2023, p. 208) para perturbar o progresso do *desenvolvimento* (Santos, 2023) da ciência que nos produz como pesquisadoras sonâmbulas? O que podem e o que devem as(os) pesquisadoras(es)? A proposta gira em torno de experimentar o impulso (movimento de corpo), o salto no abismo e a queda, como gestos de percepção dos investimentos e aparatos moderno-capitalistas adoecedores que nos atravessam

